

# Sandra Barclay e Jean Pierre Crousse: um movimento e seu efeito no projeto do Lugar da Memória

Angelo Bucci  
2018

Revista 1:100

---

O estúdio Barclay & Crousse, fundado em Paris em 1994, faria um movimento grandioso doze anos depois quando seus fundadores, Sandra Barclay e Jean Pierre Crousse, se transfeririam para Lima, onde eles haviam se graduado arquitetos em 1990 e 1987, respectivamente. O ano era 2006. Àquela altura o período cumprido na capital francesa já somava cerca de vinte anos de uma atividade profícua tanto no campo acadêmico quanto profissional. Os fatos comprovam: Sandra se graduou em Belleville e seu projeto de tese recebe o primeiro prêmio em 1993. Ela ensinava em La Villette enquanto Jean Pierre, em Belleville. Um destaque da fase francesa do escritório é a vitória, em 1994, no Concurso de Arquitetura para o Museu Malraux em Le Havre. A obra, que consistia na transformação da Casa de Cultura André Malraux desenhada originalmente por Guy Lagneau e Jean Prouvé em Museu de Arte, foi concluída em 1999. Embora Sandra e Jean Pierre se movimentassem com extrema desenvoltura no contexto francês, parece ter sido ali que a sua intuição, talvez com um foco calibrado justo pela distância, reclamasse um mergulho ainda mais profundo na cultura de um lugar. A intuição sedimentou-se como convicção, a tal ponto que se tornaria inevitável mover-se e, sem qualquer garantia de resultado, voltar as raízes, aos primeiros estímulos, daí mergulhar como se retrocedessem para mais tarde reencontrar o mundo a partir de Lima. Pelo sucesso daquele período, percebe-se o movimento de retorno a Lima como uma escolha madura.

Foi justo em 2006, no mesmo ano em que se transferiam a Lima, que os conheci. Primeiro a Jean Pierre, na escola de arquitetura em Chiclayo, quando ouvi a sua descrição sobre um traço da paisagem peruana: a costa desértica norte-sul, modulada por vales-oásis que cortam o deserto de leste a oeste a cada cinquenta quilômetros. Logo em seguida, na volta daquele evento e de passagem por Lima, Sandra. O estúdio Barclay & Crousse está instalado num edifício no pontão sobre a Praia dos Pescadores, de onde a vista oferece um panorama impressionante: o acantilado da costa verde, a silhueta da cidade sobre o platô, a praia de Lima com 24 quilômetros de comprimento e cuja extensão visível é uma medida da densidade da bruma tão típica no céu sempre nublado daquela cidade em que nunca chove.

De volta a Lima, os dois já assumiram imediatamente como professores na Pontifícia Universidad Católica do Peru, PUCP. Dedicam-se à atividade acadêmica com grande ênfase: fazem mestrado na área Território e Paisagem na Universidad Diego Portales, no Chile; ampliam sua atuação em eventos e universidades nas américas. A tese de mestrado de Jean Pierre, *El Paisaje Peruano*, é publicada em 2016. Trata-se de uma pesquisa sistemática, realizada também através de viagens de reconhecimento e interpretações críticas notáveis, ilustrada com croquis do autor dos elementos componentes da paisagem do país. É um estudo feito com o objetivo deliberado de informar uma ação de projeto pertinente na sua relação com a paisagem a que ele denomina Valores para uma intervenção sensível, e enumera como diversidade, reversibilidade, continuidade, identidade, verticalidade e articulação. Em paralelo, propôs e dirige um programa de mestrado na PUCP que, a pretexto do bi-centenário em 2021, apresenta-se como uma reflexão crítica sobre os primeiros duzentos anos da história do país, seu patrimônio construído, para provocar a imaginação dos arquitetos com a formulação do que será construído nos próximos cem anos. E Sandra? Ela vence em Londres o prêmio *Architectural Review* como Arquitecta do Ano em 2018. Além de sua clara presença em tudo que diz respeito aos planos de Barclay e Crousse. Juntos, parecem formar mais uma das dualidades da arquitetura.

É notável a consistência nas ações de Sandra e Jean Pierre ao longo do tempo. Eles se situam com muita lucidez em cada momento, olham para trás de modo crítico e traçam planos para o futuro, combinando uma racionalidade francesa a uma intuição latino-americana.

O episódio do Lugar da Memória, em 2010, merece nota. Pois o projeto apresentado e os trabalhos que se seguiram até a inauguração do edifício, cinco anos depois, condensam numa única obra um alto nível de elaboração daquilo que reclamava a atenção dos arquitetos por anos. Há um alinhamento de eventos, a começar do propósito que motiva a convocação do concurso pela Comissão Presidencial liderada por Mario Vargas Llosa: reconciliação do povo peruano no empenho de reconstrução do país após o período do terrorismo que desde 1980 cobrou 70.000 vidas ao longo de 20 anos; e do local escolhido para a sua implantação: a quebrada no acantilado junto à subida San Martín. O júri era composto, além dos peruanos Wiley Ludeña e José G Bryce, por expoentes internacionais como Kenneth Frampton, Rafael Moneo e Francesco Dal Co. É como se tudo ali tivesse sido preparado para dar maior sentido à vitória de Sandra Barclay e Jean Pierre Crousse naquele concurso.

O período do terrorismo afetou particularmente aquela geração. A quebra do acordo social, reduzia significativamente a possibilidade de diálogo, corroendo as possibilidades da prática da arquitetura e fragilizando a ideia de cidade como instituição. Sandra e Jean Pierre se graduaram em Lima na primeira metade daquele período e, não sem razão, seguiram seu percurso fora do Peru. Voltam ao país já no período de reconstrução. Por um lado, respondiam à uma convicção sensível que reclamava o resgate de uma matriz cultural profunda; por outro lado, à lucidez de uma análise pragmática. Tinham o motivo e o momento justos. Não deixaram passar a oportunidade. Apenas quatro anos depois venceriam o concurso.

O período histórico recente que constitui o tema principal do programa daquele edifício coincide com o tempo de formação e amadurecimento dos dois. O trauma que a iniciativa do Lugar da Memória intencionava superar, em alguma medida, tem relação com a mesma superação que o retorno dos arquitetos às suas origens simboliza.

A atenção que eles dedicaram ao estudo da paisagem peruana, melhor, à relação entre arquitetura e a construção primordial representada pela geografia do lugar, não poderia sonhar com uma circunstância mais oportuna para testar seus preceitos de validade. É consenso, o maior potencial paisagístico da cidade de Lima é a Costa Verde, tão bem caracterizado pela paisagem do acantilado que se eleva abruptamente desde a praia para a platô onde a cidade está implantada a cerca de 70m acima do nível do mar. Para a cidade colonial, o acantilado significou defesa. Hoje, é o limite sudoeste dos bairros que compõem a cidade de Lima; os bairros se sucedem na parte alta já a partir da borda do platô: Barranco, Miraflores, San Isidro, Magdalena del Mar, San Miguel. Ao pé do acantilado são as praias que se sucedem bem divididas pelos quebra mares: Pescadores, Água Doce, Sombrillas, Los Yuyos, Los Pavos, Barranquito, Las Cascadas, La Estrella, Redondo, Miraflores e assim por diante por 24 quilômetros até La Punta. O fato de que a franja de terra na cota baixa fosse sempre excessivamente estreita para ser prontamente ocupada acabou por funcionar como um mecanismo natural de preservação. Quando se percorre o circuito das praias, a cidade de Lima, em muitos momentos, está oculta pelo acantilado. Quando se passeia pela cidade, o mar não se faz presente. Sem dúvida, essa vizinhança sem nenhuma fusão é uma beleza notável da capital peruana.

Por outro lado, não há mais razão para prevalecer ali, como uma herança da fase colonial, a função segregadora do acantilado. Nem há porque se resignar com o fato de que as únicas conexões verticais possíveis sejam apenas aquelas instaladas diretamente nas quebradas para superar uma distância vertical impensável para um pedestre comum. São por essas que o Lugar da Memória representa uma síntese importante para o momento atual da cidade de Lima e para a pesquisa de Sandra e Jean Pierre sobre a paisagem peruana. O resultado é um edifício que funciona como infra-estrutura nessa relação entre arquitetura e geografia, um dispositivo de transposição vertical, que reduz a distância entre a cidade e a praia, animado por um programa imprescindível.

A iniciativa feita com o propósito de reconciliar o país na superação dos traumas de sua história recente e, num tempo ampliado, gerou uma obra que supera a herança colonial por meio uma consciência paisagística e ambiental que projetará Lima para um futuro à sua altura.

O Museu da Memória bastaria para justificar o movimento grandioso de voltar a Lima.

E muito bom ver que dali cada vez mais eles ganham o mundo.